



# Economia para Trabalhadores

Ano 3, Edição XXX

Setembro de 2015

## Nesta edição:

Atividade industrial no Brasil 2

Atividade industrial em Santa Catarina 3

Resumo de Indicadores do Mercado 4

Opinião - As pessoas não podem ser a variável de ajuste da economia 5

Crônica - Standard & Poor's e Masterchefs 6

Resumo de Indicadores Macroeconômicos 7

## Apresentação

Caros(as) companheiros(as), eis mais um Economia para Trabalhadores, a 30ª edição, neste terceiro ano do boletim mensal da Subseção do Dieese na Fetiesc. Gostaríamos de apresentar indicadores melhores, mas a coisa está feia mesmo. A indignação, no entanto, não vem da apreciação destes indicadores, mas em saber que setores da sociedade, como os bancos, seguem registrando lucros recordes e outros, formado por uma pequena elite, seguem beneficiando-se com um sistema tributário injusto pela regressividade e frouxo por permitir que mais de um trilhão de reais seja perdido entre sonegações e desvios legais e ilegais. Assim, a desigualdade se aprofunda e o desenvolvimento não se materializa, o país patina, as condições de vida da população piora.

Nas primeiras seções, destacamos a deterioração da atividade industrial no Brasil e em Santa Catarina. Cai a produção, o faturamento real, a confiança

dos industriais, a renda dos trabalhadores, aumenta o desemprego e a incerteza também nas famílias. A movimentação do emprego formal na indústria de transformação em Santa Catarina até julho, ainda registrava saldo positivo. Com a divulgação dos números de agosto, no entanto, observa-se o fechamento de postos de trabalho também neste setor. O emprego industrial cai no país e o desemprego geral também aumenta, apesar de ainda não afetar o rendimento médio real que registra crescimento. Para os economistas do Copom, cuja preocupação central é o controle da inflação, os salários seguem pressionando a inflação, entendida como de custos (vide a 193ª Ata no parágrafo 27).

Assim, nós vamos vivenciando um ajuste na política econômica que vai impactando diretamente a vida das pessoas, ampliando as dificuldades de superação dos enormes desafios sociais que o país precisa enfrentar. O governo

atende passivamente os interesses de uma minoria rentista e adota políticas que transferem para ela recursos preciosos justamente para enfrentar os limites estruturais que colocam o país nesta sinuca de bico. Neste boletim abordamos, ainda que de forma pouco técnica - a partir de um texto de opinião e crônica -, estas questões.

Na seção final, apresentamos alguns indicadores macroeconômicos. No momento da divulgação deste boletim, já estavam disponíveis os dados referentes às finanças públicas do mês de agosto, mas decidimos manter os de julho para garantir a continuidade/seqüência do boletim, que apresentou em agosto os dados de junho. Mas destacamos que o resultado primário inverteu em agosto e passou a ser deficitário, enquanto o pagamento de juros segue "bombando" (8,85% do PIB).

Boa leitura!

## Atividade industrial no Brasil

A produção industrial recuou 1,5% na passagem de junho para julho. Houve uma retração de 1,4% na indústria de transformação e de 1,5% na indústria extrativa, nesta série com ajuste sazonal. Na comparação com julho do ano passado, a queda na produção industrial foi de 8,9%, puxada pela retração na indústria de transformação que superou os dois dígitos (-10,5%). A indústria extrativa registrou crescimento nesta série (2,9%). No período acumulado de janeiro a julho deste ano, com relação ao mesmo período do ano passado, houve queda de 6,6% na produção industrial, resultante de uma retração de 8,5% na indústria de transformação e um crescimento de 8,4% na indústria extrativa. Nos últimos doze meses a queda foi de 5,3%, com retração de 7,0% na indústria de transformação e crescimento de 8,1% na indústria extrativa.

A novidade na dinâmica da produção industrial neste ano é que, pelo terceiro mês seguido, as indústrias extrativas também registram queda na produção, na série mensal com ajuste sazonal, apesar de manter um nível de atividade superior ao observado em 2014. Estas indústrias tiveram quedas de 0,5%, 0,6% e 1,5% nos meses de maio, junho e julho,

respectivamente. Assim, o indicador de produção sinaliza que a desaceleração começa a atingir também as indústrias extrativas, ainda que mantenham um nível de atividade superior ao registrado em 2014.

O faturamento real da indústria segue apresentando queda. Na passagem de junho para julho esta foi de 0,2%. A retração em julho foi de 6,7% com relação a julho do ano passado. No ano a queda das vendas reais foi de 6,5%.

Segundo a Pesquisa Mensal de Emprego e Salários do IBGE (Pimes/IBGE), houve em julho uma retração de 0,7% no emprego industrial, com relação a junho na série com ajustes sazonais. Na comparação com julho de 2014, a queda foi de 6,4%. No período de janeiro a julho deste ano a retração foi de 5,4% e nos últimos doze meses o emprego industrial caiu 5%. Além da retração no emprego, esta pesquisa registrou queda no número de horas pagas. Na variação mensal com ajuste, a queda foi de 1,2% e com relação a julho do ano passado chegou a 7,2%. No período acumulado até julho houve retração de 6,0% e nos últimos doze meses o número de horas pagas caiu 5,5%. As retrações verificadas no emprego e nas horas pagas refletem-se também na redução da folha

de pagamentos, ou na renda das famílias. Pelos registros do Caged/MTE, houve queda de 0,8% do emprego na indústria de transformação entre junho e julho. No ano, até julho, a queda foi de 2,8% e nos últimos doze meses a queda atingiu 5,1%. Foram fechados 275.566 vínculos de emprego formal até julho deste ano.

Calculada pela CNI, a utilização da capacidade instalada nas indústrias também apresenta retração. Em julho do ano passado estava em uma taxa média de 81,5%. No mês de junho do ano atual esteve em 79,5% e registrou em julho 78,6%. Ou seja, houve uma queda de 2,9 p.p. com relação ao ano passado e 0,9 p.p. com relação ao mês passado. Em outra pesquisa da CNI, a confiança dos industriais segue se deteriorando. Em setembro de 2014 ela já era de pessimismo, mas havia boas expectativas, sobretudo, com relação aos negócios das empresas. Na época, o índice de confiança do empresário industrial estava em 46,5 pontos. Em setembro deste ano o índice registra 35,7 pontos com quedas maiores na confiança com relação as condições atuais e expectativas da economia brasileira. Ou seja, não há sinais de melhora na confiança dos industriais, o pessimismo se aprofunda.

### BRASIL (em %)

PRODUÇÃO (IBGE)	Jul/Jun	Jul/Jul	Até Jul	U12M
<i>Geral</i>	-1,5	-8,9	-6,6	-5,3
<i>Extrativa</i>	-1,5	2,9	8,4	8,1
<i>Transformação</i>	-1,4	-10,5	-8,5	-7
FATURAMENTO REAL (CNI)	Jul/Jun	Jul/Jul	Até Jul	U12M
	-0,2	-6,7	-6,5	-
EMPREGO INDUSTRIAL (IBGE)	Jul/Jun	Jul/Jul	Até Jul	U12M
	-0,7	-6,4	-5,4	-4,9
CAGED - Ind. Transformação (MTE)	Jul/Jun	Jul/Jul	Até Jul	U12M
	-0,8	-	-2,8	-5,1
Utilização da Capacidade Instalada (CNI)	-	Jul. 2014	Jun. 2015	Jul. 2015
		81,5	79,5	78,6
ICEI - Índice de Confiança do Empresário Industrial (CNI)	-	Set. 2014	Ago. 2015	Set. 2015
		46,5	37,1	35,7
Condições atuais		38,8	28,1	27,5
<i>Economia Brasileira</i>		31,5	19,1	18,3
<i>Empresa</i>		42,6	32,7	32,2
Expectativas		50,3	41,5	39,9
<i>Economia Brasileira</i>		42,0	31,3	29,7
<i>Empresa</i>		54,6	46,6	45,2

## Atividade industrial em Santa Catarina

O indicador de produção da indústria geral de Santa Catarina acompanha a variação observada na indústria no Brasil. Na série mensal com ajuste sazonal, houve uma queda de 2,4% na produção em julho, com relação a junho. Na comparação com julho de 2014, a queda foi de 9,8%. No período acumulado de janeiro a julho, houve uma retração de 6,7%. Nos últimos doze meses a queda foi de 5,1%.

Entre os setores cujas categorias de trabalhadores são base de representação da Fetiesc, registrou-se em julho, com relação a julho de 2014, uma retração de 14,4% na indústria têxtil; estabilidade na do vestuário (0,1%); queda na produção da indústria de celulose, papel e produtos de papel (-1,4%); e na de fabricação de produtos de borracha e material plástico (-9,1%).

No ano, considerando o período de janeiro a julho na comparação com o mesmo período do ano passado, a indústria têxtil teve queda de 7,3% na produção; na indústria do vestuário a queda foi de 7,2%; houve variação nula no setor de

celulose, papel e produtos de papel (0,0%); e retração de 4,1% na produção de borracha e material plástico.

Nos últimos doze meses a produção do setor têxtil apresentou recuo de 7,8%; no setor do vestuário a retração foi de 3,5%; o setor de celulose, papel e produtos de papel teve fraco crescimento de 0,3%; e o setor de produtos de borracha e plástico registrou queda de 1,2% na produção.

O faturamento real, segundo pesquisa mensal da Fiesc, apresentou variação positiva na passagem de junho para julho (3,2%). No entanto, o resultado é 10,8% menor do que o registrado em julho do ano passado. No período de janeiro a julho deste ano a queda foi de 8,5% na comparação com o mesmo período de 2014. Neste recorte temporal, de janeiro a julho, houve queda no faturamento da indústria têxtil (-3,0%); da indústria do vestuário (-24,9%); do setor de celulose, papel e produtos de papel (-9,6%); e na indústria de produtos plásticos (-0,4%).

O emprego formal na indústria de transformação catarinense também apresentou queda na passagem de julho para agosto (-1,0%). No ano, o saldo era

positivo (939 vínculos) até julho. Os registros do período acumulado até agosto passaram a apresentar saldo negativo na movimentação do emprego (-4.692), uma queda de 0,7% no estoque, com os ajustes. Nos últimos doze meses houve uma redução de 3,7% no estoque de empregos da indústria de transformação em Santa Catarina.

A utilização da capacidade instalada na indústria de transformação catarinense também apresentou queda, passando de uma taxa média de 83,4% no período de janeiro a julho de 2014 a uma de 82,2% no mesmo período deste ano (-1,2 p.p.). Apesar da diminuição, a taxa média de utilização da capacidade instalada na indústria em Santa Catarina apresenta-se, em taxa relevante, acima da média da indústria no Brasil.

O índice de confiança dos empresários industriais também revela pessimismo. Este ficou em 35,7 pontos em setembro deste ano, um mês antes era de 37,1 pontos. No mesmo mês do ano passado estava em 45,7 pontos. Há deterioração da confiança com relação as condições atuais (-8,7 pontos, no ano) e expectativas (-10,7 pontos, no ano).

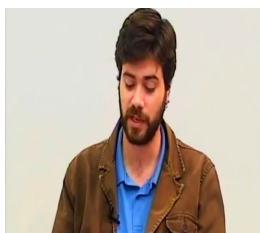
### SANTA CATARINA (em %)

PRODUÇÃO (IBGE)	Jul/Jun	Jul/Jul	Até Jul	U12M
<i>Transformação</i>	-2,4	-9,8	-6,7	-5,1
<i>Têxtil</i>	-	-14,4	-7,3	-7,8
<i>Vestuário</i>	-	0,1	-7,2	-3,5
<i>Celulose, Papel e Produtos de Papel</i>	-	-1,4	0,0	0,3
<i>Borracha e Plástico</i>	-	-9,1	-4,1	-1,2
FATURAMENTO REAL (Fiesc)	Jul/Jun	Jul/Jul	Até Jul	U12M
	3,2	-10,8	-8,5	-
CAGED - Ind. Transformação (MTE)	Jul/Jun	Jul/Jul	Até Jul	U12M
	-1,0	-	0,1	-2,8
Utilização da Capacidade Instalada (Fiesc)	Jan. a Jul. 2014		Jan. a Jul. 2015	
	83,4		82,2	
ICEI - Índice de Confiança do Empresário Industrial (Fiesc)	Set. 2014		Ago. 2015	Set. 2015
	45,7		37,1	35,7
Condições atuais	38,1		30,1	29,4
Expectativas	49,5		40,6	38,8

## Resumo de Indicadores do Mercado de Trabalho

<i>Custo de Vida</i>				
Inflação		Agosto (%)	Var. 12 meses (%)	
ICV/Dieese		0,06	10,05	
INPC/IBGE		0,25	9,88	
IPCA/IBGE		0,22	9,53	
IGP-DI/FGV		0,40	7,80	
IGP-M/FGV		0,28	7,55	
IPC/FIPE		0,56	9,04	
Cesta Básica	Florianópolis	Agosto	Varição acum. em 12 meses (em %)	9,44
			Valor mensal (em R\$)	372,79
<i>Salário Mínimo Necessário e Piso Regional Catarinense</i>				
Salário Mínimo Nacional		Agosto	Valor nominal (em R\$)	788,00
Salário Mínimo Necessário		Agosto	Valor nominal (em R\$)	3.258,16
Piso Regional SC		Faixa I	Valor nominal (em R\$)	908,00
		Faixa II	Valor nominal (em R\$)	943,00
		Faixa III	Valor nominal (em R\$)	994,00
		Faixa IV	Valor nominal (em R\$)	1.042,00
<i>Movimentação do Emprego - Indústria de Transformação no Brasil</i>				
		<b>Total Admissões</b>	<b>Total Desligamentos</b>	<b>Saldo</b>
		<b>(Qtde)</b>	<b>(Qtde)</b>	<b>(Qtde)</b>
Em agosto <sup>1</sup>		217.048	264.992	-47.944
No ano <sup>2</sup>		2.097.533	2.373.099	-275.566
Nos últimos 12 meses <sup>3</sup>		3.144.516	3.619.226	-474.710
				<b>Var. Emprego</b>
				<b>(%)</b>
				-0,6
				-3,4
				-5,6
<small>(<sup>1</sup>) Variação considera o estoque do mês anterior; (<sup>2</sup>) Variação considera o estoque do mês atual e do mês de dezembro do ano anterior, com ajustes; (<sup>3</sup>) Variação considera o estoque no mês atual com o estoque do mesmo mês do ano anterior, com ajustes.</small>				
<i>Movimentação do Emprego - Indústria de Transformação em Santa Catarina</i>				
		<b>Total Admissões</b>	<b>Total Desligamentos</b>	<b>Saldo</b>
		<b>(Qtde)</b>	<b>(Qtde)</b>	<b>(Qtde)</b>
Em agosto <sup>1</sup>		20.913	26.163	-5.250
No ano <sup>2</sup>		229.497	234.189	-4.692
Nos últimos 12 meses <sup>3</sup>		327.647	354.014	-26.367
				<b>Var. Emprego</b>
				<b>(%)</b>
				-0,7
				-0,7
				-3,7
<small>(<sup>1</sup>) Variação considera o estoque do mês anterior; (<sup>2</sup>) Variação considera o estoque do mês atual e do mês de dezembro do ano anterior, com ajustes; (<sup>3</sup>) Variação considera o estoque no mês atual com o estoque do mesmo mês do ano anterior, com ajustes.</small>				
<i>Rendimento Médio Real Habitualmente Recebido pelos Ocupados (todos os trabalhos)</i>				
Brasil		Valor (em R\$)	1.881,00	
		Mai a Jul 2015/idem ano anterior (em %)	2,0	
Santa Catarina		Valor (em R\$)	2.033,00	
		2º trimestre 2015/idem ano anterior (em %)	3,5	
<i>Massa Real de Rendimentos Habitualmente Recebidos pelos Ocupados (todos os trabalhos)</i>				
Brasil		Valor (R\$ em milhões)	167.763,00	
		Mai a Jul 2015/idem ano anterior (em %)	2,3	
Santa Catarina		Valor (R\$ em milhões)	6.889,00	
		2º trimestre 2015/idem ano anterior (em %)	7,3	
<i>Taxa de Desocupação</i>				
Brasil		Mai a Jul 2015 (em %)	8,6	
		Mai a Jul 2015/idem ano anterior (em p.p.)	1,7	
Santa Catarina		2º trimestre 2015 (em %)	3,9	
		2º trimestre 2015/idem ano anterior (em p.p.)	1,1	

Fonte: Dieese; IBGE; FGV; Fipec; MTE.



**“Ampliar o debate sobre alternativas e os espaços e cenários onde acontecem estes debates se coloca como algo fundamental, embora insuficiente.”**

## Opinião<sup>1</sup> - As pessoas não podem ser a variável de ajuste da economia

Um conjunto de fatos e acontecimentos vão minando os diferentes cenários onde se estabelecem relações sociopolíticas e a vida acontece. A impressão que se têm é de que continuamos caindo num poço cujo fundo parece distante. O que fazer para suspender esta queda e criar possibilidade de um impulso forte suficiente para voltar a subir? Será que continuar a buscar o fundo, deliberadamente, é a alternativa apropriada? É devaneio questionar uma política econômica que gera desemprego, que aumenta a fome e os problemas sociais?

A economia vai mal. Claro que o país sofre consequências com a atual dinâmica da economia global, muito em função da posição de dependência que ocupa na divisão internacional do trabalho. Do ponto de vista doméstico, todos sabem, a maior parte do peso tributário incide sobre produção e consumo. Assim, neste quadro recessivo, há forte queda nas receitas do governo que passa a perder margem de manobra na utilização dos recursos, desgastando-se com forças sociais em conflito na sociedade. Os sacrifícios da mencionada

"travessia" vão gradualmente caindo sobre as famílias, mas o governo parece desagravar à todos, principalmente, os pequenos empresários e profissionais liberais, que formam a classe média. A popularidade da presidente está baixa.

Cresce a incerteza dos investidores e a desesperança nas famílias. A dificuldade de articulação política do governo na Câmara dos Deputados impede o país de sair desta queda-livre (veta ou não?; recria CPMF?; Entra e sai "pautabomba", entra mais Ministérios!; Entra e sai impeachment, em troca de quê?; ...). A "habilidade" política está na presidência do poder legislativo que, na nossa democracia delegativa, não representa o povo, mas o capital. A política foi mercantilizada. O resultado é a transferência de recursos da saúde e do combate à fome, por exemplo, para rentistas. Sempre foi assim, está claro, o grosso dos parlamentares sempre representaram interesses de capitalistas, tanto em sociedades cuja estrutura do capitalismo e a democracia tenham alcançado certo grau maduro de desenvolvimento, quanto onde aquela é atrasada e esta é,

recorrentemente, abortada.

Mas houve momentos em que, em contraste com o poder econômico, havia perspectiva de formação de uma massa que se formava pelas relações concretas da estrutura social, mas também pelo importante trabalho militante de organizações da sociedade civil que difundiam a conscientização política, que tinham no horizonte a formação de uma civilização solidária.

Os momentos de crise política e social também possibilitam o embrião de alternativas transformadoras, que nascem como resistência e reação às injustiças e opressão. Vivemos um momento nebuloso, de pouca luz. Ampliar o debate sobre alternativas e os espaços e cenários onde acontecem estes debates se coloca como algo fundamental, embora insuficiente. Esta democracia comprada, propagandeada, não serve às tarefas necessárias ao desenvolvimento do país. Que a economia e a política sirva aos seres vivos e não o contrário. As pessoas não podem ser a variável de ajuste da economia.

(<sup>1</sup>) Economista do Dieese na Subseção da Fetiesc.

## Crônica - Standard & Poor's e Masterchefs

Há algumas décadas atrás, diante do debate sobre distribuição de rendas no Brasil, o então Ministro Delfim Netto teria dito ser necessário primeiro fazer o bolo crescer, para então distribuí-lo. Provavelmente, ele estava preocupado com o nível de poupança e a necessidade de promover a acumulação de capital como forma de estimular os investimentos e garantir crescimento econômico.

Acontecimentos deste mês evidenciam que a economia brasileira vai mal. Depois da ausência de crescimento no ano passado, em 2015 temos recessão, puxada principalmente pela queda dos investimentos públicos e privados, pela retração na produção industrial e no consumo das famílias.

Nesse cenário, o governo divulgou o orçamento para 2016 com um déficit primário de R\$ 30

bilhões, aproximadamente, 0,5% do PIB. Ou seja, o governo apresentou um orçamento sem superávit primário, que é um excedente de receitas considerado antes de se descontar as despesas com os juros da dívida pública. Assim, para alcançar o equilíbrio nas finanças públicas, intensificou-se o debate: cortar gastos e/ou ampliar receitas (via impostos)?

Numa época em que programas de competição de culinária batem recordes de audiência na rede de televisão no Brasil, é como se na prova do bolo, este estivesse sendo apresentado cheio de confetes de chocolate, mas sem o glacê que os sustentam na cobertura. Em função disso, a Standard & Poors, uma das juradas, revisou a avaliação de risco da economia brasileira, reduzindo sua pontuação e deixando-a sem o mínimo

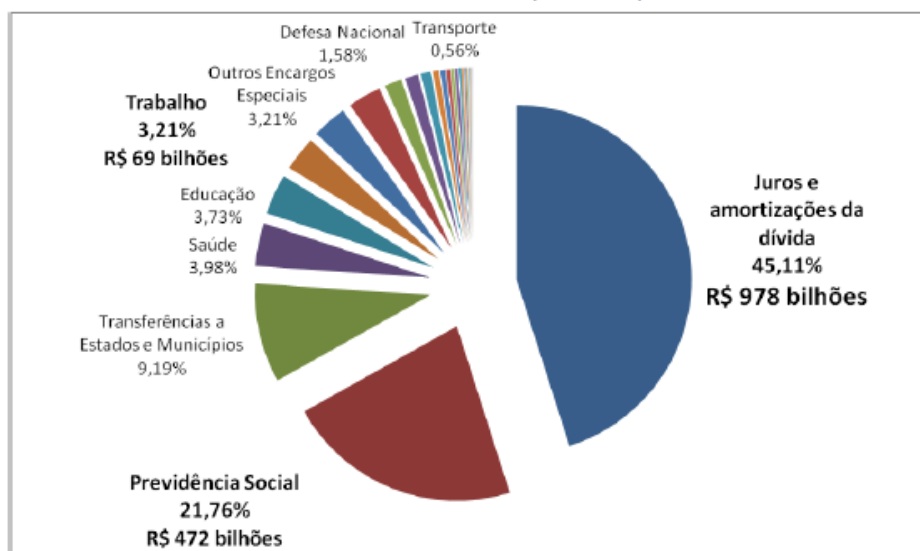
que a classifica dentro do grau de investimentos. Deus o livre perder os confetes de chocolate!

Faltam as avaliações de outras duas juradas de peso, é a vez da Fitch, mas cresce o alarido que os já cambaleantes investimentos diretos no país tendem a diminuir e o dólar subir, pressionando a taxa de juros (mais confetes de chocolate!) e causando mais recessão na economia brasileira.

A dica dos jurados é mais ou menos a seguinte. Apresente um bolo menor, tire alguma camada da massa, mas não comprometa a cobertura e demonstre que os confetes de chocolate estão garantidos. Até porque, no final das contas, metade do bolo, com toda a cobertura, fica para uma minoria que gosta de se lambuzar e se apresenta há décadas insaciável.

### Orçamento Geral da União (OGU) – Executado em 2014

Total = R\$ 2,168 trilhão (39,3% PIB)



Fonte: Auditoria Cidadã da Dívida. Senado Federal – Sistema SIGA BRASIL. Disponível em: <<http://www.auditoriacidada.org.br/e-por-direitos-auditoria-da-divida-ja-confira-o-grafico-do-orcamento-de-2012>>  
Elaboração: DIEESE

## Resumo de Indicadores Macroeconômicos

PIB Trimestral (em %)	Indústria	FBCF	Cons.Fam.	Cons.Gov.	PIB
2º trimestre 2015/1º trimestre 2015	-4,3	-8,1	-2,1	0,7	-1,9
2º trimestre 2015/Idem 2014	-5,2	-11,9	-2,7	-1,1	-2,6
IBC-BR (em %)	Jul/Jun	Jul/Jul	Até Jul	U12M	
	0,0	-3,7	-2,7	-1,9	
Finanças Setor Público	Jan. a Jul. 2014		Jul. 2015	Jan. a Jul. 2015	
	R\$ mi	% PIB	R\$ mi	R\$ mi	% PIB
Resultado Primário	24.665	0,8	-10.019	6.205	0,2
Juros Nominais	-148.242	-4,7	-62.753	-288.623	-8,7
Resultado Nominal	-123.577	-3,9	-72.772	-282.418	-8,5
	<i>Dívida Bruta do Governo Geral (% PIB)</i>				64,6
	<i>Dívida Líquida do Governo Geral (% PIB)</i>				35,8
Setor Externo	Jan. a Jul. 2014		Jul. 2015	Jan. a Jul. 2015	
	US\$ mi	US\$ mi	US\$ mi	US\$ mi	
Transações Correntes	-58.332	-6.163	-44.094		
	<i>Bal. Coml.</i>	2.146	3.367		
Conta Financeira	55.224	5.696	42.703		
	<i>IDP</i>	55.423	36.926		
	<i>Saldo de transações correntes (U12M % PIB)</i>				-4,3
	<i>Necessidade de financiamento externo (U12M % PIB)</i>				0,5
Câmbio	Ago. 2014		Ago. 2015		
Taxa média - venda (R\$/US\$)	2,27		3,51		
<i>Varição real da taxa de câmbio - dólar americano - (IPA-DI) (U12M em %)</i>			40,4		
<i>Varição real da taxa de câmbio - dólar americano - (IPCA) (U12M em %)</i>			41,7		
Inflação	Ago. 2014		Ago. 2015	Var. (p.p.)	
IPCA (U12M %)	6,51		9,53	3,0	
INPC (U12M %)	6,35		9,88	3,5	
Juros	Ago. 2014		Ago. 2015		
Meta da taxa Selic (% a.a.)	11,00		14,25		



Subseção do Dieese na Fetiesc  
Rua 321, n 79 – B. Meia Praia  
Itapema – SC  
CEP: 88.220-000  
dieese@fetiesc.org.br

Economia para Trabalhadores - Ano III, edição XXX, setembro de 2015. Periodicidade mensal. Subseção do Dieese na Fetiesc.

**EXPEDIENTE DA FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE SANTA CATARINA** - Presidente: Idemar Antonio Martini; Vice-Presidente: Rosane Sasse; Secretário Geral: Landivo Fischer.

**EXPEDIENTE DO DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS - DIEESE** - Direção Técnico: Clemente Ganz Lúcio; Coordenação Executiva: Patrícia Pelatieri; Coordenação Administrativa e Financeira: Rosana de Freitas; Coordenação de Educação: Nelson de Chueri Karan; Coordenação de Relações Sindicais: José Silvestre Prado de Oliveira; Coordenação de Atendimento Técnico Sindical: Airton Santos; Coordenação de Estudos e Desenvolvimento: Angela Schwengber; Supervisor Regional do Dieese/SC: José Álvaro Cardoso; Técnico Responsável pelo Boletim: Mairon Edegar Brandes.